

II - No ensejo da preparação do Jubileu, a *Revista de Cultura Teológica* oferece aos seus leitores, inicialmente, o artigo do Pe. Manoel José de Godoy no qual o autor traça as linhas mestras do *Projeto de Evangelização Rumo ao Novo Milênio*. Em seguida dois extratos de teses doutorais defendidas na Faculdade: *O princípio da destinação universal dos bens na Doutrina Social da Igreja* de autoria do Pe. Dr. Manuel do Carmo da Silva Campos e *Opções hermenêuticas para uma Missiologia Latino-Americana* de autoria do Pe. Dr. George Kaniam Pady. Ambos os autores, trabalhando temas diferentes, oferecem excelente contribuição para professores de teologia, estudantes, pesquisadores e pastoralistas. O Pe. Dr. Benedito Beni dos Santos, por sua vez, dá seqüência ao tema do Espírito Santo, escrevendo sobre *A verdade pneumatológica nos evangelhos e suas conseqüências eclesiológicas*. O Pe. Dr. Leonardo Meulenberg, professor convidado nesta Faculdade, brinda o leitor com um agradável artigo poético-teológico, trabalhando a linguagem própria da *Experiência da fé à luz do conto de fada*. Dois artigos seguintes contemplam a vocação e a juventude. São eles: *A Pastoral Vocacional Libertadora* do Pe. Geraldo Ferreira Barbosa e *O mal-estar juvenil: uma questão de comunicação* do Pe. Adriano Sella. O Pe. Fernando Altemeyer Junior oferece excelente colaboração com seu trabalho: *Globalização e diálogo inter-religioso*. A revista se encerra com a interessante nota de exegese bíblica elaborada pela professora Jeni Bertoni Nimtz: *A oração de Davi - análise sociológica* e com a apresentação das dissertações e teses defendidas no período.

Conselho Editorial

ERRATA: O número 17 da *Revista de Cultura Teológica* (out/dez/1996) apresentou falhas para as quais solicitamos a compreensão do prezado leitor: O artigo do Pe. Benedito Beni dos Santos na capa e no sumário traz como título *A verdade Pneumatológica do Antigo Testamento* quando o certo é *A verdade Pneumatológica no Antigo Testamento*. O artigo da Irmã Lélia Yole Sbrana retrata na capa o título *Justiça do órgão* quando o correto é *Justiça do órfão*.

PROJETO RUMO AO NOVO MILÊNIO: NOTAS TEOLÓGICO-PASTORAIS

Pe. Manoel José de Godoy

“Sin él (el Espíritu), Dios está lejos, Cristo se encuentra en el pasado, el evangelio es letra muerta, la Iglesia una simple organización, la autoridad un despotismo, la misión una propaganda, el culto una evocación y el actuar cristiano una moral de esclavos” (Yannis Spiteris).

O Projeto de Evangelização da Igreja no Brasil em preparação ao Grande Jubileu do ano 2000 - “Rumo ao Novo Milênio” (PRNM) tem como moldura as Diretrizes Gerais da Evangelização da Igreja no Brasil (DGAE)¹. Delas assume a sua visão de realidade sócio-ecclesial e o núcleo de sua reflexão sobre evangelização. Sua inspiração missionária quer ser de continuidade com o 5º Congresso Missionário Latino-americano (COMLA 5)² e, ainda, enquadra-se no espírito da carta apostólica do Papa João Paulo II, *Tertio Millennio Adveniente*³. Cremos que sublinhar

algumas de suas notas teológico-pastorais mais caras é uma maneira de ajudar na compreensão e dinamização do Projeto.

Podemos dizer, ainda, que o Projeto é um fruto maduro de uma caminhada de trinta anos de gestação na pastoral da Igreja no Brasil, em profunda sintonia com a história da Igreja do Continente Latino-americano, em comunhão com os novos rumos traçados pelo Concílio Vaticano II (cf. PRNM, nº 33)⁴.

A primazia da evangelização.

Em continuidade com as DGAE, o Projeto tem como grande meta o desejo de abrir a Igreja para a realidade do mundo, daí a centralidade do tema da evangelização. Depois do Concílio Vaticano II, a evangelização se torna uma preocupação constante na Igreja. Sobretudo, depois da exortação pós-sinodal do Papa Paulo VI *Evangelii Nuntiandi*,

¹ Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (1995-1998); Col. *Documentos da CNBB*, nº 54; Paulinas, São Paulo, 1995.

² Vivendo o COMLA 5, *Pontifícias Obras Missionárias e CNBB*; abc BSB Editora, Brasília, 1995.

³ *Advento do Terceiro Milênio*: Carta Apostólica de João Paulo II, Col. *Documentos Pontifícios*, nº 262, Vozes, Petrópolis, 1995.

⁴ *Rumo ao Novo Milênio*: Projeto de Evangelização da Igreja no Brasil em preparação ao Grande Jubileu do ano 2000; Col. *Documentos da CNBB*, nº 56, Paulinas, São Paulo, 1996.

em 1975. Podemos dizer, portanto, que é um tema bastante recente na Igreja.

Com uma rápida passada de olhos na história da Igreja, percebe-se que, em termos hegemônicos, há períodos bem demarcados de preocupação *ad intra* e *ad extra*. Nos quatro primeiros séculos, era dominante a prática eclesial voltada para as grandes preocupações humanas. Os primeiros foram incansáveis na tarefa evangelizadora. Paulo faz da evangelização o seu eixo existencial. Percebe que a novidade do Evangelho deve ser levada até os confins da terra. E que anunciar o Evangelho já não é mais uma questão de escolha, mas sim uma imposição, um imperativo do próprio ser discípulo de Jesus: "Ai de mim se não evangelizar" (cf. 1 Cor 9,16). E o Evangelho de Jesus Cristo se expandiu rapidamente com o afã evangelizador dos primeiros. Os Santos Padres, em gerações posteriores, darão continuidade à missão iniciada pelos discípulos e apóstolos de Nosso Senhor, destacando-se de maneira ímpar pela força da pregação e do testemunho. Porém, na medida em que a Igreja ia crescendo, as preocupações com sua própria organização eram inevitáveis. Esse processo conheceu seu auge no período da Cristandade. Neste tempo, praticamente desa-

pareceu do vocabulário eclesiástico o termo evangelizar, como hoje o entendemos e como o entenderam os primeiros. Era um período de estruturação da instituição. Tempo em que o pólo mais forte era o *ad intra*. A Igreja viveu marcada pelas preocupações internas. Houve exceções. Porém, o hegemônico era o voltar-se para dentro de si mesma. Isto custou caro para a Igreja. Ela conheceu momentos amargos por viver em esquema mais defensivo perante o mundo que a cercava. Tempo em que confiou exageradamente nos seus métodos, nas suas forças e estratégias em detrimento da presença da graça de Deus. O Papa João Paulo afirma a necessidade de uma verdadeira purificação dos pecados deste tempo como condição para a celebração do Grande Jubileu. Diz ele: "Será bom que a Igreja entre por essa passagem com a consciência clara daquilo que viveu ao longo dos últimos dez séculos. Ela não pode transpor o limiar do novo milênio sem impelir os seus filhos a purificarem-se, pelo arrependimento, de erros, infidelidades, incoerências, atrasos"⁵.

A defesa frenética de suas estruturas levou a Igreja a comprometer a unidade e a ser conivente com "métodos de intolerância ou até mesmo de violência no serviço à verdade"⁶. Frente às considerações históricas

que sempre evocam a contextualização para amenizar o juízo crítico, o Papa não as rejeita, mas destaca: "... a consideração das circunstâncias atenuantes não exonera a Igreja do dever de lastimar profundamente as fraquezas de tantos filhos seus, que lhe deturparam o rosto, impedindo-a de refletir plenamente a imagem do seu Senhor crucificado, testemunha insuperável de amor paciente e de humilde mansidão"⁷.

Assim a Igreja conviveu, ao longo dos seus dois milênios de existência, com duas tendências: uma mais centralizadora, monocêntrica; outra voltada para a participação, policêntrica⁸. Há quem prefira o binômio: comunhão e missão. Quando a comunhão é entendida como referencial e força propulsora da missão, tudo bem. O problema é fazer dela um objetivo em si próprio. Essa é a perspectiva que vem impregnando o agir eclesial atual, não tanto os documentos do magistério, em contraste com os primeiros séculos e com a mentalidade do Concílio.

Quando a Igreja do Brasil, corajosamente, se volta ao tema da evangelização o faz buscando suplantar essa tendência mais centralizadora, quase que exclusivamente voltada para o seu interior.

As Diretrizes do episcopado nacional e, em continuidade, o Projeto Rumo ao Novo Milênio, resgatam a dimensão evangelizadora da Igreja ao destacar os horizontes da evangelização, os seus caminhos, suas possibilidades históricas e seus protagonistas. Percebem que a chance histórica da Igreja ser presença eficaz na sociedade está na seriedade com que ela tratar seus agentes protagonistas: os cristãos leigos.

O contexto da evangelização.

Vale a pena fazer um alerta sobre as diversas chaves de leitura do PRNM. Nada mais contrário ao seu espírito que a aplicação mecânica de suas propostas. Reconhecendo as enormes distâncias e diferenças regionais do nosso País, o Projeto alerta para a necessidade de uma recepção criativa. Assim destaca: "Podemos afirmar que este Projeto cumprirá sua missão se tiver da parte de todos nós, pastores e fiéis, uma recepção criativa nos seus métodos, nas suas expressões e na sua forma celebrativa" (PRNM, n° 179). As diversas Igrejas Particulares que já assumiram o Projeto têm demonstrado que captaram bem esse espírito. Inúmeras iniciativas têm surgido de Uruguaiana ao Xingu; de Rio Branco a Colatina.

Importante ainda ressaltar sua total dependência em relação aos seus textos fundantes, sobretudo as

⁵ Op. Cit., n° 33

⁶ Ibid., n° 35.

⁷ Ibid., n° 35.

⁸ Cf. Vítor Feller, As forças que interagem na Igreja in: *Temas de Ecclesiológia*, Setor Estruturas da Igreja da CNBB, 1996.

DGAE. “Não repetimos aqui o que escrevemos nas DGAE para os anos 1995-1998, que supomos conhecidas”, afirma o nº 63 do Projeto. Utilizando o método VER-JULGAR-AGIR, o PRNM toma como chave de leitura da realidade o que já tinha sido expresso nas DGAE (cf. PRNM, nº 174). Entende que estamos diante de mudanças sócio-econômicas e culturais profundas e rápidas que caracterizam a sociedade de hoje. Que vivemos uma não menos profunda crise ética e imersos num pluralismo religioso (cf. DGAE, cap. 3). Também remete às DGAE a consideração sobre os fatos mais significantes da atualidade: “A volta da democracia, a nova Constituição, a crise mundial do socialismo, contemporâneas à crise econômica da América Latina, transformaram significativamente a sociedade brasileira” (cf. PRNM, nº 57). Sem essas considerações, corremos o risco de afirmar que o texto do PRNM carece de profecia, de vigor crítico e de visão atualizada da realidade. A não repetição da análise da realidade já feita pelas DGAE se deve a três fatores: 1. O texto do PRNM explicita com clareza sua dependência em relação às DGAE (cf. PRNM, nº 63 e nº 57); 2. O PRNM não substitui a tradição do nosso episcopado de continuar publicando suas Diretrizes iluminadoras da ação pastoral; 3. As DGAE tinham sido recém-publicadas e com validade até 1998.

Evangelização na ótica da opção pelos pobres e excluídos.

Como dissemos no início, quanto à visão da realidade, o Projeto se baseia nas DGAE. Estas apontam como “o resultado mais perverso de todas as causas da crise social da atualidade o fenômeno da exclusão” (137). Segundo as Diretrizes, este fenômeno está muito relacionado com a política neoliberal, fruto da receita dos países do Norte aos do Sul, dependentes da ajuda do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (cf. 131). Na esteira destas reflexões sobre a realidade brasileira, o Projeto também assume o pecado das graves injustiças e formas de marginalização social como um dos pontos do exame de consciência necessário para não repetir os erros de evangelizações anteriores (cf. PRNM, nº 24). Mais contundente, porém, é a constatação de que a pobreza e a exclusão social são “enormes desafios” à evangelização renovada nos seus métodos, expressão e ardor (cf. PRNM, nº 62). Em outras palavras, não haverá nova evangelização se não houver um reassumir decisivo do combate a todas as formas de pobreza e exclusão social às quais estão submetidas uma grande parte da população brasileira. Reconhece o Projeto que a força libertadora do Evangelho pode e deve suscitar nas novas gerações uma nova experiência de sentido da vida e de abertura à realidade do nosso mundo, sobretudo frente aos

novos rostos da pobreza, geradores de indignação ética. Vê isto como “ponto de partida para um renovado compromisso na construção de uma sociedade solidária, justa e fraterna” (PRNM, nº 70). Esta postura, tão comum em outros tempos da nossa práxis eclesial, anda um tanto ofuscada pela fragmentação social, por um lado, e por outro, pela dispersão pastoral que assola a Igreja com tantos e diversos desafios.

O eixo, porém, da opção pelos pobres e excluídos, apresentado no Projeto está na apresentação do serviço como exigência intrínseca da evangelização. Na linha da defesa dos direitos, o Projeto apresenta uma estrutura clara de sua opção por aqueles que nada valem na organização social brasileira. O Projeto condiciona, inclusive, a realização das três próximas Campanhas da Fraternidade à defesa dos direitos civis, sociais e econômicos, sobretudo dos pobres e excluídos. E à proposta da *Tertio Millennio Adveniente* de perdão da dívida externa, o Projeto associa o resgate da dívida social interna. Ora, de quem o País é preferencialmente devedor, senão dos inúmeros e crescentes desempregados, subempregados, pobres e marginalizados? Nesta linha, vai se estruturando aos poucos o projeto da 3ª Semana Social Brasileira que pretende elaborar um estudo profundo sobre o Brasil que queremos. Proposta que buscará oferecer metas concretas e possíveis em campos

prioritários como o da saúde, do emprego, da erradicação da fome, da reforma agrária, da moradia e de outros (cf. PRNM, nº 133).

O Projeto, ao assumir a realização anual do Grito dos Excluídos, sacramentou uma forma constante de desobstruir o caminho da participação social de tantos brasileiros, impedidos até de expressar sua indignação com a política da globalização excludente implantada nos últimos anos no País. Política que está produzindo um apartheid mundial, que, segundo o jornalista Arnaldo Jabor, é o agravamento do regime imperialista, pois, enquanto este era exploração, o atual globalismo é exclusão.

O Projeto ainda afirma que embora a dimensão do serviço esteja direcionada a toda a sociedade, sua atenção prioritária deverá ser aos mais pobres (PRNM, nº 134).

Evitando a departamentalização da ação sócio-transformadora, presente em diversos campos eclesiais, o Projeto afirma que ela não pode ser pensada como um assunto exclusivo das pastorais sociais, pois deve ser vivida por toda a comunidade eclesial (cf. PRNM, nº 137).

Portanto, a evangelização explicitada, tanto no Projeto quanto nas DGAE, tem os pobres e excluídos como seus inspiradores, destinatários e parceiros prioritários. E, repetidamente, é evocado o texto de Lucas 4,18b: “enviou-me para evangelizar os pobres” como fundamental na fidelidade ao programa evangelizador de Jesus.

Igreja Particular: sujeito privilegiado da evangelização. O Projeto destaca o papel fundamental da Igreja Particular no processo evangelizador. "Responsável pela evangelização é, antes de tudo, a Igreja Particular ou local. É nela, por menor e pobre de recursos que seja, que a única Igreja de Cristo se concretiza e se manifesta num lugar (PRNM, 170). Contrastando com os processos de evangelização que tiveram como ponto de partida as antigas Cristandades européias, que expandiam seus esforços para novas fronteiras de missão, o PRNM afirma que, após o Concílio Vaticano II, são as Igrejas Particulares o novo marco referencial para o empreendimento evangelizador. (O Concílio Vaticano II) "valoriza a colegialidade episcopal como corresponsabilidade das Igrejas Particulares na única missão da Igreja. Nessa nova fase do processo de evangelização, as Igrejas Particulares redescobrem a dimensão missionária como própria. Elas possuem como dons do Espírito a fé, a Palavra de Deus e o ministério para a evangelização no espaço humano em que elas se organizam, sem deixar de ter corresponsabilidade na missão universal, para além das fronteiras. Por isso, as Igrejas particulares são o sujeito principal da evangelização inculturada (cf. PRNM, nº 87).

A Igreja Particular é entendida como espaço de comunhão de vocações, carismas e ministérios (cf.

PRNM, nº 88). Reconhece a necessidade de uma Igreja que saiba valorizar os diversos ministérios e serviços que há no seu seio. Afirma, corajosamente, que a forma de exercer o poder eclesiástico é um empecilho para um verdadeiro protagonismo laical. Em continuidade com Puebla, o Projeto reconhece a atualidade da eclesiologia de comunhão e participação. "Este protagonismo (do cristão leigo) requer profundas mudanças no estilo do governo e no exercício da autoridade por parte da hierarquia, para permitir e encorajar a comunhão, a participação e a corresponsabilidade dos leigos na tomada de decisões pastorais, valorizando o voto dos conselhos pastorais e a presença ativa dos fiéis em Sínodos e Concílios particulares, conforme está previsto por documentos oficiais da Igreja". Destaca o trabalho da mulher na vida comunitária e, ainda mais, reconhece que ela é a presença predominante nos trabalhos de base. Por outro lado, assume que a mulher deverá ter mais acesso às responsabilidades de direção e à participação nas decisões importantes da vida eclesial (cf. PRNM, nº 89).

Está mais que evidente a tomada de consciência do autoritarismo e machismo que impregna a instituição eclesial católica. Seu reconhecimento foi, sem dúvida, um dos atos mais corajosos do episcopado nacional. Assim, é na confluência de esforços de todas as forças vivas da Igreja particular que o Projeto encontrará sua vitalidade e dinamismo.

Os bispos confiam que o Projeto será capaz de "oferecer uma linha comum de trabalho e formas de cooperação fraternas a todas as Dioceses do Brasil" (cf. PRNM, nº 171). Percebem, porém, a função primordial deles mesmos como peças fundamentais para promover a união de todos os membros da comunidade diocesana. Vêm o presbitério como responsável pela tarefa de imprimir novo elã missionário à Igreja particular e de animá-la na efetiva realização do Projeto evangelizador.

O Projeto convoca a Igreja particular a fazer uma profunda avaliação de sua missão evangelizadora e lhe oferece alguns parâmetros bastante simples e claros para verificar se o Evangelho está chegando a todos os ambientes e grupos humanos: "1) através do **testemunho do serviço** e do empenho na humanização da sociedade; 2) através do **diálogo com todos**, em particular com as diversas culturas e religiões diferentes da nossa; 3) através do **anúncio missionário do Evangelho** aos que estão à procura das razões de nossa fé e para ela foram despertados; 4) através do **testemunho de comunhão fraterna** de nossas comunidades, que se alimentam na Palavra e na liturgia e daí partem para o serviço, o diálogo, o anúncio..." (PRNM, nº 173).

Evangelização integral. O Projeto retoma as reflexões das DGAE quando trata de definir o que enten-

de por evangelização. E, neste espírito, assume "os cinco aspectos fundamentais da evangelização: a inculturação, como critério básico e alicerce de tudo, e as quatro exigências: serviço, diálogo, anúncio missionário (ou querigma), testemunho da comunhão eclesial (PRNM, nº 73)". Articula de maneira bastante feliz inculturação e libertação e afirma: "a inculturação não substitui a libertação, mas a aprofunda" (PRNM, 84). E sustenta que "não há, pois, evangelização inculturada sem libertação integral, nem verdadeira libertação sem transformação cultural na linha da solidariedade" (PRNM, nº 85). Os cinco aspectos fundamentais da evangelização são exigências para que a evangelização seja realmente integral. Embora não aconteçam de maneira igual nem no tempo, nem na profundidade, é preciso que o processo evangelizador os tenha em conta. De outra forma, necessária se faz a consciência de que cada um deles contém, implicitamente, os outros. **Serviço, diálogo, anúncio e testemunho de comunhão** já são, de per si, evangelização. Quantas vezes, em lugares onde não é possível o anúncio explícito, o diálogo e nem mesmo o serviço concreto, o testemunho poderá revelar uma fé alicerçada em valores que estão para além dos valores correntes, e a esperança em qualquer coisa que não se vê e que não se seria capaz sequer de imaginar (cf. EN, 21).

Na reflexão sobre a evangelização inculturada, o PRNM assume o espírito do COMLA 5, e a entende como "... mediação dialogal e pedagógica tanto nos contatos com as culturas autóctones e tradições recentes ou milenárias, como o é na relação com as culturas moderna e pós-moderna e com suas múltiplas e diversas subculturas"⁹. Entende que sem uma profunda revisão de sua práxis, ritmo e linguagem, a Igreja corre o risco de não ser entendida no caldo cultural da cidade moderna. Reconhece que "dado o vertiginoso processo de urbanização, cujos efeitos se deixam sentir até no mundo rural, a Igreja do Brasil se encontra hoje diante de uma verdadeira terra de missão. Organização funcional e realidade dinâmica, criadora de cultura, a cidade moderna se articula como espaço de liberdade, aberto a idéias, opiniões e símbolos novos, que levam o habitante do mundo urbano a tomar nas mãos a construção da sua própria vida e rever, permanentemente, as suas convicções herdadas. **Na cidade moderna, o cristão será não mais produto de uma fé recebida e conservada, mas fruto de um encontro pessoal com Cristo.** Daí a urgente necessidade de uma pastoral urbana inculturada, programada de acordo com os ritmos da vida da cidade" (PRNM, nº 80).

A evangelização integral proposta pelo PRNM se alicerça, então, nestes cinco aspectos que lhe são fundamentais. Cada um dos quatro últimos (serviço, testemunho de comunhão, diálogo e anúncio), supõe a inculturação, condição de sua eficácia.

A centralidade de Jesus Cristo na evangelização. Todo o processo evangelizador assumido pelo Projeto "Rumo ao Novo Milênio" tem, em Jesus Cristo e sua práxis, a sua fonte e o seu ponto de convergência. Nem poderia ser de outra forma: o Grande Jubileu quer ser um marco significativo na caminhada da Igreja que nele vê um tempo propício para ajudar os homens e as mulheres de nosso tempo a compreenderem o sentido da vinda do Filho de Deus, de sua encarnação na história humana, e aceitá-lo pela fé como Salvador (cf. PRNM, nº 8). O Cristo que emerge do texto do Projeto, em consonância com a cristologia da carta apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, é um Cristo humilde, que vem em busca das pessoas, vencedor do mal e reconciliador do universo com o seu Criador. Em suma, é o Cristo redentor e libertador da humanidade, pela sua vida, morte e ressurreição (cf. PRNM, nºs. 4-7).

Jesus Cristo, como missionário do Pai, é o grande realizador do Reino de Deus. Aquele que veio instaurar

a ordem social e religiosa que Deus quer para a felicidade de seu povo (cf. PRNM, nº 11).

O Projeto também nos apresenta Jesus Cristo como aquele que vai à nossa frente, nos antecede na missão. Muito mais que olhar para o Cristo do passado, o Projeto nos manda olhar para o futuro: lá é que vamos encontrá-Lo. Assim, não se trata de pura imitação de Cristo, mas muito mais de segui-lo, recriando sua práxis em novos tempos e novos contextos. "Portanto, acolher o mistério de Cristo não é apenas rejubilar-se com o que aconteceu há 2.000 anos. É sobretudo abrir-se a esta luz perene, que ilumina uma realidade nova: a história que avança, não sem muitos troços, ao encontro da sua plenitude, em busca de 'novos céus e nova terra', reino de Deus onde haverá para todos justiça e paz" (PRNM, nº 18).

O texto mais evocado pelo magistério da Igreja nos últimos anos para fundamentar a centralidade de Jesus Cristo no processo evangelizador tem sido: "Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e sempre" (Hb 13,8). Porém, faz-se necessário

explicitar o sentido original deste versículo para evitar leituras fundamentalistas que dificultam aceitar o processo de "recriação" do movimento de Jesus Cristo nos dias de hoje. O teólogo Albert Vanhoye, analisando o contexto do capítulo 13 de Hebreus, afirma que o versículo 8 é uma profissão de fé que implica na adesão pessoal a Jesus Cristo. "O que Jesus Cristo era ontem, o é igualmente hoje e o será sempre. Portanto, ele (Hb 13,8) assegura à fé um apoio sólido, perfeitamente estável. Aos que crêem já não existirá mais o mínimo motivo para buscar outro apoio. Mas o autor une sempre, na apresentação do mistério de Cristo, **estabilidade e dinamismo** e daí tira consequências para a vida cristã: com efeito, esta deve caracterizar-se por uma constante fidelidade, que seja ao mesmo tempo impulso generoso e não rígido imobilismo (negrito nosso)." Mais adiante, Vanhoye afirma: "A fé em Cristo nos liberta dos imobilismos humanos. 'Porque não temos aqui cidade permanente' (Hb 13,14). Quem crê em Cristo renuncia à tentação de instalar-se comodamente no mundo e de aburguesar-se"¹⁰.

¹⁰ Albert Vanhoye, Jesucristo es el mismo ayer, hoy y siempre in: *Tertio Millennio Adveniente*: comentario teológico-pastoral, Consejo de Presidencia del gran jubileo del año 2000, p. 61ss; Ediciones Sígueme, Salamanca, España, 1996 - 2ª Edición. Como nota de rodapé, o PRNM (nota 3) apresenta uma explicação também oportuna sobre o verdadeiro sentido de Hb 13,8: "Como faz a tradução latina: Christus heri, hodie et ipse in saecula. Ipse (= ele próprio, mesmo que se manifeste de diversas formas) e não idem (o mesmo, no sentido de alguém ou algo que em nada muda, que não expressa nada de novo).

⁹ Op. Cit., *Vivendo o COMLA 5*, p. 75

E somado à centralidade de Cristo, o eixo trinitário que perpassa todo o Projeto (cf. PRNM, nº 111) nos ajudará, sem dúvida, a perscrutar a Palavra do Pai nos sinais dos tempos, inspirados por seu Espírito. É nesse Espírito que somos ajudados a atualizar e a recriar todas as coisas. É nele que relemos toda a história da humanidade e toda a realidade transcendental. É no Espírito que o Cristo se faz presente em nosso meio, caminha conosco e vai adiante de nós, garantindo a superação de todos os obstáculos que se apresentam na lida diária da construção do Reino.

Maria: modelo de todo evangelizador. Em sintonia com a carta apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, o PRNM quer resgatar também a devoção popular em torno de Maria e a apresenta como o modelo de todo cristão que assume a construção do Reino, como seguimento de Jesus (cf. PRNM, nº 116). No primeiro ano de preparação para o Grande Jubileu, centrado na pessoa de Jesus Cristo, Maria é apresentada “a todos os crentes como modelo de fé vivida no dia-a-dia” (TMA, 43). O PRNM sublinha a fé de Maria no acolhimento do Plano Salvífico através da concepção de Jesus no seu ventre. Destaca sua esperança na libertação de todos os pobres e fracos e com ela nos convida a cantar o Magnificat pelo tempo novo de evangelização. Por fim, Maria é vista

pelo PRNM como modelo de amor a inspirar a dimensão evangelizadora do serviço (cf. PRNM, nº 178).

Da mangedoura à cruz, Maria se faz presente em toda a trajetória de seu Filho com a discrição de quem confia, sem reservas, na ação redentora daquele que gerações e gerações esperaram.

João Paulo II afirma que Maria “estará presente de modo transversal ao longo de toda a fase preparatória” do Grande Jubileu (TMA, 43). O Projeto evangelizador Rumo ao Novo Milênio, de igual forma, entende que Maria o perpassa, na íntegra, como Mãe que, a partir da despensa, provê as necessidades dos seus filhos.

Maria, portanto, é evocada como cumpridora da Vontade do Pai e sua devoção é entendida em relação à centralidade de Jesus, pois toda verdadeira devoção mariana deve nos levar ao seu Filho Redentor.

O eixo trinitário na evangelização. Por fim, destacamos a missão da Trindade no conjunto do Projeto evangelizador Rumo ao Novo Milênio. Sem Ela, não se compreende a nova evangelização proposta pelo PRNM que afirma ser seu objetivo recriar, nos dias de hoje, a experiência cristã. Na realidade, somente mergulhados na Trindade nos tornamos aptos ao discernimento do verdadeiramente novo na história. É n’Ela que todas as coisas se fazem novas (Ap 21,5). Os três pas-

sos propostos para a concretização da nova evangelização só acontecem sob o Seu protagonismo.

O primeiro, “a experiência pessoal do Deus em Jesus Cristo, refazendo a unidade entre a dimensão contemplativa e orante e o cotidiano da vida”, encontra no Espírito Santo seu alicerce, pois vivemos no Espírito e por meio do Filho temos acesso ao Pai. Em linguagens conciliares, essa experiência é também a busca da santificação, destino universal da humanidade (cf. LG 40). A nova evangelização quer tornar possível para todos os homens e mulheres, crentes ou não, o acesso à santificação, e a entende como íntima participação na vida trinitária.

O segundo passo da nova evangelização é entendido “como um processo para refazer o tecido cristão das comunidades eclesiais, formando assim comunidades maduras, alimentadas na escuta da Palavra de Deus e na celebração da Liturgia”. Na caminhada de nossa Igreja latino-americana, já se convencionou atribuir à Trindade o arquétipo de melhor comunidade. Tendo feito a experiência do Deus de Jesus Cristo, o homem e a mulher santificados sentem a necessidade de partilhar essa experiência com outros irmãos e irmãs. Desta forma, nossas comunidades não são um aglomerado de pessoas, mas expressão real da verdadeira comunhão que há entre o

Pai, o Filho e o Espírito Santo. Sem a partilha da experiência, corre-se o risco de um intimismo inócuo, um sal que não salga mais, um fermento isolado da massa a qual deve fermentar.

O terceiro passo percebe a nova evangelização “como impulso às comunidades cristãs para saírem de suas próprias fronteiras para um novo compromisso com a missão da Igreja no mundo”. O ciclo evangelizador encontra seu sentido último na missão. Passando pela experiência pessoal de serem filhos no Filho e irmãos na comunidade, homem e mulher discernem que a verdade experienciada não pode ficar restrita a um grupo; antes deve ser anunciada até os confins da terra. Experiência cristã pessoal autêntica nos remete à comunidade; experiência comunitária de fé verdadeira nos remete à missão. O ciclo evangelizador assim entendido tem seu dinamismo alicerçado na experiência cristã fundante, à qual sempre se volta para reabastecer-se. Na história global e na nossa pessoal, é o Espírito Santo que dá o primeiro impulso. Como bem resume o teólogo oriental Yannis Spiteris: “El hombre es transformado, ante todo, por el Espíritu (pneumatización), lo cual tiene como efecto la inserción en Cristo (cristificación); desde el momento en que se hace hijo en el Hijo, el hombre se ve llevado a los abismos del Padre (divinización).

Por consiguiente, la santificación del hombre es una íntima participación en la vida trinitária.”¹¹

Como meio de articular estes passos, o PRNM propõe uma formação sistemática, seguindo os temas centrais de nossa fé: a Trindade, os sacramentos, as virtudes teológicas. O Evangelho de cada ano servirá de eixo para esta formação e para as atividades desse aspecto do Projeto. Desta forma, em fidelidade à carta apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, o Projeto propõe uma catequese com um eixo trinitário (cf. PRNM, n° 111).

Tentamos, ao longo deste artigo, elucidar como o PRNM concebe a nova evangelização: oportunidade ímpar de “recriar a experiência cristã, em novos contextos, para uma nova síntese entre fé e vida, fé e história, no cotidiano de uma comunidade ou de um povo” (cf. PRNM, n° 90).

O Pe. Manoel José de Godoy é assessor da CNBB e colaborador desta *Revista de Cultura Teológica*

¹¹ Yannis Spiteris, *El Espíritu Santo, agente principal de la nueva evangelización in: Tertio Millennio Adveniente: comentario teológico-pastoral*, Consejo de Presidencia del gran jubileo del año 2000, p. 61ss; Ediciones Sígueme, Salamanca, España, 1996, 2ª Edición.

PRINCÍPIO DA DESTINAÇÃO UNIVERSAL DOS BENS NA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA. CONTRIBUIÇÃO DA MORAL SOCIAL PARA O ACESSO DOS BENS AOS POBRES.

Pe. Dr. Manuel do Carmo da Silva Campos

INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende ser uma tentativa de resgatar a Destinação Universal dos Bens como princípio primário sobre os demais, pois certos estudiosos da Doutrina Social da Igreja e Pontífices acabaram relegando a segundo plano esse postulado, destacando, por outro lado, a propriedade privada. Vale lembrar que a Destinação Universal dos Bens, que se manifestou ao longo da história do cristianismo como direito natural desde a Sagrada Escritura ao Magistério Social da Igreja urge, na atualidade, a necessidade de uma sistematização mais apurada frente ao sistema neoliberal que com seus mecanismos de morte vem cada vez mais dizimando os pobres e excluídos do Terceiro Mundo. Na tentativa de uma equitativa participação na distribuição dos bens entre todos, este trabalho entende que a opção preferencial pelos pobres, uma justa distribuição social e a incansável luta pela preservação da natureza e do meio ambiente são o caminho a ser percorrido para que o princípio de que os bens são de todos não venha mais a sofrer fragilidades como ocor-

reu ao longo dos séculos e não fique sendo apenas uma doutrina, mas possa ser dinamizado concretamente na vida do povo.

O Ser Humano é chamado a partilhar dos bens criados e que foram doados por Deus a todos. Esta verdade bíblica foi muito bem assumida pela Igreja. A Destinação Universal dos Bens manifestada na história do cristianismo - nos Padres da Igreja, em São Tomás, nos Padres da Igreja colonial latino-americana, no Magistério Social Católico - vem se destacando nos últimos tempos, relativizando a propriedade privada e iluminando a partilha de bens entre as criaturas, não obstante certos pontífices e estudiosos de DSI ao longo da história do Cristianismo, tenham relegado esse princípio a segundo plano, beneficiando a apropriação privada.

I. A DESTINAÇÃO UNIVERSAL DOS BENS: DOS ANTECEDENTES BÍBLICO-PATRÍSTICO-TEOLÓGICOS À DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA.

1.1. Antecedentes bíblico-patristico-teológicos.